

CAPITULO II

Os antecedentes da Psychologia comparada. — Dados biológicos para a explicação dos instintos. — A energia dos instintos. — A inteligência dos animais como auxiliar do homem. — A grande perfeição de alguns sentidos na escala zoológica. — A existência da associação de ideias no cão e a impossibilidade do verdadeiro raciocínio. — Distinção entre o hábito e o instinto.

A sciencia denominada psychologia comparada é nova, mas este ramo de saber não passou inteiramente despercebido á philosophia antiga.

As escolas ante-socráticas e sobre tudo as doutrinas académicas e peripatéticas observaram factos e aventaram hypotheses dignas ainda da atenção da sciencia moderna. Platão afirmava existirem na alma humana tres categorias: a alma appetitiva, a apaixonada e a racional, fazendo as duas primeiras communs ao homem e aos animais, e a racional exclusiva d'aquele. Aristoteles ensinou que a natureza passa sucessivamente e gradualmente dum

certo estado a outro; trata este assumpto sob diversos aspectos, e lançando as bases da anatomia comparada pelo estudo das relações análogicas dos órgãos, graduou os seres n'uma classificação tão admirável, que tem resistido a dezenas de séculos de progressos científicos. Notou que os animaes na perfeição de certos sentidos excedem o homem, que os phenomenos psychologicos denominados — sensação, desejos, sentimentos e intelligencia são em diferentes graduações communs a todos os seres da escala zoologica, reservando como apanágio exclusivo da especie humana, a reflexão e a deliberação.

A philosophia romana, alexandrina e medieval sob este aspecto não passam d'um echo nascido das concepções dos dois grandes pensadores helênicos. Com Descartes surge na philosophia moderna a teoria de que os animaes são machinas automaticas e defendeu-a por espirito de systema, visto que, na sua doutrina havia somente duas formas de existencia. — a dos corpos caracterizada pela extensão, e a dos espíritos caracterizada pelo pensamento e em nenhuma d'ellas podia introdu-

duzir as faculdades instinctivas dos animaes.

Esta phantasiosa concepção foi seguida por Malebranche e em parte por Bosuet e Fénelon. Será ocioso dizer que esta hypothese, ainda que filha d'um dos maiores pensadores modernos, é inaceitável, porque o mechanismo cartesiano não explica os phenomenos biologicos e muito menos os psychicos.

O principal motivo, que preoccupava neste assumpto os philosophos, era affirmar e manter a supremacia do homem sobre os animaes. A philosophia do seculo XVII arruinou a concepção aristotélica de Descartes, substituindo a por teorias muito contraditorias devidas a La Mettrie, barão de Holbach, Diderot, Ch. Bonnet, Condillac, e a questão entra com o metodo experimental no campo aberto e segundo da sciencia positiva pelas investigações de Buffon, G. Leroy e Cuvier. A estes sabios franceses deve reunir-se o nome de David Hume que na Inglaterra estudava a aproximação noológica do homem e do animal, reduzindo os phenomenos psychicos à acu-

mulação da experiência, ao hábito, e à indução, distinguindo apenas a alma do homem da do animal em sómente ter aquelle, privilegio de poder raciocinar sobre idéas geraes. E' esta teoria, na psychologia comparada, que tem por continuadores Lamarck, Darwin, Haeckel e Spencer.

As explicações, muitas vezes, dadas *a priori* pelos philosophos foram seguidas das observações e experiencias praticas feitas pelos naturalistas. A psychologia moderna reconheceu que a vida psychica não deve ser unicamente estudada no conjunto regular das faculdades que se revelam na media dos homens civilizados entendeu necessario estudar o homem nos seus diversos estados, desde o selvagem ao homem culto, desde o cretino ao homem de genio, e sobretudo que ella não pôde dispensar relações que, nas faculdades mentaes, aproximam ou distinguem o homem do animal.

Henri Joly diz que o homem civilizado deve cônser mais d'uma vez dos exemplos de constancia e de fidelidade, que lhe dão os selvagens, da dedicação sincera do negro ou da severa lealdade do pelle-ver-

melha. Os poetas de todos os tempos acharam muito antes dos naturalistas que podiamos receber dos animaes mais de uma lição proveitosa,

O estudo da zoo psychologia é muito difícil pela impossibilidade que o homem tem de penetrar na consciencia dos animaes, para conhecer as suas sensações, as suas idéas e todos os seus phenomenos psychicos. O conhecimento mais completo da anatomia e da physiologia dos animaes não pôde fornecer-nos a noção exacta do que é um appetite, um desejo, uma dor, e só tornamos conta d'esses phenomenos, comparando-os a actos similares da nossa consciencia. A zoopsicologia não existe como sciencia inteiramente constituída e formada, vive da luz emprestada pela psychologia humana. O phenomeno psychico, estudado no animal com particular attenção tem sido o *instincto*, o qual é ainda hoje objecto de diferentes interpretações. O instincto manifesta-se como uma força maravilhosa e fatal, destinada a satisfazer necessidades; os actos que d'ella dependem não carecem de aprendizado, realizam-se es-

pontanea e imediatamente, com um carácter sempre invariável e uniforme. Este assumpço é magistralmente tratado no livro de Lemoine *L'habitude et l'instinct*, onde são habilmente examinadas todas as teorias biológicas que se prendem com este ramo da psychologia.

Analysa os trabalhos de Lamarck e de Darwin, demonstra que as leis da *correncia vital*, da *selecção natural* e da *hereditariade* explicam apenas o desenvolvimento das faculdades do instinto e do habito, mas que, de modo nenhum, podem explicar a sua gênese. Ha evidentemente actos instinctivos, que se transmitem na espécie por herança, todavia não se segue que não tenham outra origem. Remontando aos antepassados mais rudimentares da escala Zoológica aparece um ser primitivo que nada podia ter recebido; a hereditariedade pois, só pode aumentar o poder do instinto não pode de modo nenhum mudar-lhe a sua essencia.

Para Lemoine ha tres espécies de vidas diferentes: — viver sem sentir, vegetando como as plantas: viver sentindo

necessidades pelo sofrimento ou pelo gozo como os animaes: viver pelo pensamento e pela vontade, comprehendendo a vida, como os homens. A necessidade de viver e a possibilidade da experencia são elementos fundamentaes na determinação e progresso dos instintos, os quaes substituem, na vida animal, todas as faculdades superiores, sendo mesmo no homem um auxiliar poderoso e no decurso da sua vida uma espécie de intuição prematura. Büchner no seu livro *A vida psychica dos animaes*, advoga à alta importância d'este estudo e considera a alma humana como uma conquista de lenta evolução e a alma dos animaes como uma escala para o homem. Sustenta que ha actos psychicos nos animaes que procedem d'uma experiência propria e que conseguintemente não são instinctivos. N'este caso é mister acceptar que os actos psychicos de animaes da escala superior são, até certo ponto, o resultado conjuntamente de elementos *a posteriori e a priori*.

O principal factor dos actos intellectivos na escala biológica é a necessidade, que sendo uma sensação dolorosa no es-

tado nascente, transforma esse sofrimento n'um começo de noção das causas. Essa sensação dolorosa ou angústia é um estimulante que procura o prazer apesar de todos os obstáculos, despertando assim desejos que por diferentes movimentos o organismo procura satisfazer. Em cada animal ha um sentido predominante ao qual os outros estão harmonicamente subordinados. Esse sentido é a principal força directriz e parece que todo organismo lhe obedece sob um sistema teleológico.

As leis somáticas pelas quaes a teoria da evolução explica a constituição do organismo servem em parte para explicar a formação dos instintos.

A primeira d'estas leis é a da reprodução ou tendência a transmitir a vida aos descendentes, com caracteres não identicos mas variados. O grau de reprodução ou fecundidade tem regras precisas, está na razão inversa da grandeza do animal.

A duração da gestação está na razão directa da grandezza do animal. O elefante leva na sua gestação vinte mezes, o coelho

apenas trinta dias. Os animaes inferiores reproduzem-se com immensa rapidez.

Na *Revue Scientifique* encontramos uma curiosa noticia acerca da extraordinaria fecundidade de alguns animaes, fecundidade que é incalculável e sem limites em certos seres das classes inferiores.

Os microbios, segundo Pasteur, desenvolvem-se e propagam-se prodigiosamente.

A abelha põe annualmente cerca de 6.000 ovos.

A formiga branca 60 por minuto.
A borboleta 400.

Calcula-se que uma mosca pôde produzir 800.000 eguaes a ella.
Os ovos dos peixes contam-se por milhares.

O arenque põe 10.000 ovos.

A carpa 25.000.
O esturjão 7.653.200.

A femea do bacalhau 9.350.000.

A produção da lagarta atinge a cifra fabulosa de 45.460.000 á oitava geração.

A luta pela vida nas innumeras causas de destruição dos animaes é um facto capital no desenvolvimento dos ins-

tinctos. A lei da progressão geométrica das espécies e da progressão aritmética dos alimentos revela-nos a intensidade desse combate tirânico.

Ha outros factos que provam a energia dos instintos animais, onde mesmo às vezes se revelam uns assomos de sentimento moral, cuja força os impelle ao suicídio como sucede com algumas aves e mesmo com réptis.

Será verdade demonstrada que as serpentes, atormentadas até á exasperação, voltam contra si proprias os seus terríveis dentes, commettendo assim um verdadeiro suicídio?

E' esta a questão que ultimamente tem ocupado a atenção de muitos naturalistas ingleses, e que deu occasião a M. N. Manley, correspondente do *Chambers Journal*, para relatar na *Nature* o seguinte episódio de que foi testemunha:

— Nas Savanas do Illinois são abundantes as serpentes-cascaveis; mas, grãcas á lentidão com que se movem e ao ruído denunciador que produzem, é facil escapar-se-lhes.

M. Manley seguia um dia uma d'es-

sas charruas, que ali se usam, puxadas por 6 juntas de bois e conduzida por 2 homens, quando avistou uma serpente-cascavel, de 30 a 35 centímetros.

Os dois homens quizeram divertir-se em exasperar a serpente.

Lançaram-na para um terreno lavrado e aí a chicotearam com os seus compridos açoites.

Irritada com estes ataques e furiosa por não poder fugir nem accometter os seus perseguidores, mordeu-se á si própria.

A accão do veneno foi quasi instantânea; em menos de cinco minutos ficou morta, com os dentes sempre cravados na ferida —

Ha animaes que o homem não pode ainda aproveitar em serviço seu, e pretende-se que elles são susceptiveis de domesticação utilitaria, como afirmou há tempos um jornal americano, n'uma local, que danno com toda a reserva:

Um rico lavrador de Kingston (Kentucky), substituiu os negros que trabalhavam na sua propriedade por sete corujos lentos e robustos macacos, aos quaes en-

sinou a cavar, a cardar linho e a outros trabalhos do campo. O aprendizado durou dois meses e findos elles os intelligentes simios trabalharam com mais perfeição e rapidez do que os negros.

Os macacos são originarios do cabo da Boa Esperança, e foram mandados de presente ao lavrador por um seu irmão que ali reside.

Se este facto fôsse relatado n'uma revista científica não teríamos que duvidar! O emprego da intelligencia dos animaes na arte de guerra não se limita já aos pombos-correios, estende-se aos cães.

A propósito do ensino dos cães para serviço do exercito, que ultimamente tem estado em ensaio na Alemanha, relata a *Vossische Zeitung* o caso seguinte:

Quando no dia 29 d'agosto ultimo, pela manhã, o esquadrão dos estandartes (Standarten Escadron) se dirigia ao som da musica ao palacio imperial para receber as banderas, a multidão que corria em tropel para assistir a esta impONENTE cerimonia, presenciou um espetáculo muito mais curioso. Atraz do commandante trotava altivamente o cão

do esquadrão, trazendo o schabracke indicativo de serviço. Quando o esquadrão se desenvolveu em linha diante do palacio, foi collocar-se regularmente na rectuarda do primeiro pelotão a seis passos de distancia, e á voz de : apresentar, fixou, como determina o regulamento alemão, os olhos na bandeira, até terminar a continencia,

Finda a cerimonia, quando o esquadrão retirou em columna, foi, rapidamente o vento, retomar o seu lugar atraz do commandante.

Notou-se que este curioso animal fixava invariavelmente os olhos no chefe, a cada voz de comando, sem se preoccupar com o que se passava em volta d'elle. No dia da revista verificou-se que se desempenhava do seu dever com mais alvez e ardor que de ordinario. Comprehenderia de facto o animal o que significava aquillo, e quereria concorrer com o seu pequeno contingente para o brillantismo e boa execução da revista?

Este cão tão inteligente e tão bem ensinado, chama-se *Lumps*.

Sem dúvida um dos animaes de faculdades psychicas mais intensas e extensas é o cão. Segundo Tissot a sensação e a percepção do homem distinguem-se da do cão por tornarem um carácter racional; o homem pensa sobre a sua percepção e sensação, o animal sente e percebe sem pensar e sem ter d'ellas consciencia reflectida.

Refere o sr. J. Romanés na *Review Scientific*, que executou com um perdigueiro algumas experiencias, as quaes atestam, melhor que tudo quanto se possa ler, as facultades quasi sobrenaturaes do olfato do cão.

Certo dia de festa, quando Broad-Walk no Regent's-Park, em Londres, estava apinhado de passeiantes circulando entre as direcções, fez-se acompanhar do perdigueiro, e quando a sua atenção fôra ocupada por um cão estranho, afastou-se, descrevendo grande numero de *tig-zags* depois, subindo a uma cadela, observou o seu cão. Percebendo que o dono não seguira a direcção na qual caminhava no momento de deixá-lo, voltou ao ponto onde o tinha visto pela ultima vez, fare-

jou-o e seguiu pelas pisadas, em todos os *tig-zags* que aquelle descrevera intencionalmente, até encontrá-lo.

Distinguiu, pois, o rastro do dono, dos duma centena d'outros individuos, recentes, e dos de muitos milhares dos mais antigos.

Foi então que o sr. Romanés empregou uma serie de investigações, para determinar se era o cheiro especial do calcado ou o dos proprios pés, que guava o cão colocado no rastro do dono. Possuia o Observador uma cadella de confiança, com a qual caçara durante oito annos. O seu apurado olfato e a sua grande dedicação pelo dono tornaram-a um excellente motivo para as experiencias.

A cadella estava retida no canil por uma pessoa estranha, e depois era conduzida por esta ao local convencionado, onde começava a pista. Este local era sempre escolhido a sotavento da casa, e a pessoa que devia ser procurada pelo animal conservava-se igualmente a sotavento. O parque apresentava arvoredo, pequenas montas e muros, através dos

quaes podia o sr. Romanés observá-lo. em summa, diversas outras precauções, inuteis de mencionar eram tomadas para assegurarem que unicamente o olfato pudesse orientar a cadella. As experiencias consistiram no seguinte :

1.^a Caminhou 2.000 metros sobre a relva com as botas de caça. A cadella, conduzida ao ponto de partida, despediu-se com a maior velocidade, seguindo contra-lo.

2.^a Convidou um desconhecido a passar no parque. Não obstante os esforços do criado para faze-la seguir as péga das d'aquelle, a cadella não manifestou desejo algum de guiar-se por elles.

3.^a Levou a cadella para a casa das armas e petrechos, onde o viu preparar-se para a caça. Deixou então este aposento e dirigiu-se para outro, enquanto que o guarda saía pela porta trazeira e se ocultava, tendo o cuidado de conservar-se a leste da habitação. A cadella, que ladrava para acompanhar o dono, foi conduzida atraç da casa por um dos criados : posta em liberdade, seguiu o piso do

guarda durante alguns metros ; depois, reconhecendo que o dono não estava ao pé d'aquelle, abandonou a pista e deitou a correr em todas as direcções, em sua busca.

4.^a Reuniu varios individuos presentes e fê-los caminhar a um de fundo, tendo cada qual o cuidado de collocar os pés nos sitios deixados pelo predecessor.

O sr. Romanés tomou a testa da fila, composta de 12 pessoas, e o guarda a cauda. Depois de 1:800 metros de passeio, voltou á direita, segundo por 5, ao passo que os restantes voltavam á esquerda, fazendo certo numero de voltas e contravoltas e occultando-se, por ultimo, ambos os grupos.

Solta a cadella, seguiu rapidamente a pista commum ; e, no ponto de separação, voltou sem hesitação á direita. N'esta experiença, como se vê, as péga das do observador estavam cobertas por onze outros pés n'uma parte da pista, e por cinco na ultima parte.

5.^a Convidou o já citado desconhecido a calçar as suas botas de caça e a pas-

seiar a leste do canil. A cadella, posta na pista, seguiu-o tão correntemente, como quando seguia os passos do sr. Romanés.

6.^a Calçou as botas d'este desconhecido : negou-se a seguir a pista do observador.

7.^a O desconhecido passou descalço : o animal não o procurou.

8.^a O observador praticou o mesmo : a cadella seguiu-o, mas com muitos receios e lentidão.

9.^a Calçou botas novas : recusou-se absolutamente a seguir-lhe o rástio.

10.^a Calçou as botas velhas, depois de haver collado papel pardo nas solas e em redor. A cadella, conduzida á pista não prestou atenção alguma, até um ponto em que um pedacito de papel se descolou do calcado. Então reconheceu ella o signal do dono, precipitando-se no caminho percorrido por este, com quanto a superficie da sola, assim despojada do papel, apenas medisse alguns centímetros quadrados.

11.^a Com meias de algodão novas, o animal seguiu com lentidão as passadas

do dono, por alguns instantes, enfastando-se logo : o mesmo sucedeu com meias de lá, metidas nos pés todo o dia.

12.^a Começou a caminhar com as suas botas; depois, a 450 metros, descalçou-as, guardou-as consigo, e continuou a caminhar, em meias, durante 2700 metros. Em fim, descalçando também as meias caminhou com os pés nus, igualmente por 2700 metros. O animal, lançado na busca, seguiu, sem hesitar, os 5:850 metros.

13.^a Convidou um *gentleman*, que a cadella nunca vira, a acompanhá-lo, n'um veículo de caça. A algumas centenas de metros da habitação, desceu com as botas de caça e caminhou 450 metros atrás do veículo ; depois subiu, enquanto que o seu companheiro desceu por sua vez, e continuou a caminhar, atrás também do veículo. Andou assim 1:800 metros. A cadella percorreu d'um jacto os 2250 metros, sem fazer reparo algum no ponto em que o seu companheiro o substituira. Esta experiência, consecutiva vezes repetidas com outras pessoas, deu sempre identicos resultados.

14.^a Untar as botas com óleo de herva doce. Ora sendo este aroma tão forte, que passada uma hora um dos amigos do observador denotara a sua passagem, a cadella seguiu exactamente a sua pista. E' preciso acrescentar, todavia, que, quando foi solta, não se lançou imediatamente na pista; mas antes de avançar, examinou com escrupulo muitos vestígios.

15.^a Intentou também o sr. Romanes algumas experiencias com o fim de averiguar o condão que possuia esta cadella de reconhecer o cheiro particular emanado da sua pessoa. Descreveu consideravel numero de zig-zags n'um campo de batatas, no qual se achava certo numero de jornaleiros, e em seguida foi collocar-se atraz do muro que se elevava à altura d'um homem, a 1800 metros do campo. A cadella, posta logo na pista, seguiu as pisadas do dono, no campo de batatas; mas quando se achou a leste do sitio em que se escondera, voltou bruscamente para este lado, ergueu a cabeça e dirigiu-se em linha recta para o muro, ao ponto onde o dono se achava. Os

olhos do observador estavam á flor do muro; o que prova que ella distinguira o cheiro do alto da cabeça daquelle, a 1800 metros, apesar de estar circundada dos jornaleiros, exhalando suor.^{16. a}

16.^a N'outra occasião, em tempo calmo, o observador estava escondido num fosso profundo, ultrapassando só o alto da cabeça o talude. A 1800 metros, percebeu sem demora o cheiro do dono e dirigiu-se em carreira direita ao sitio em que se escondera. Esta experiença mostra que, mesmo na ausencia do vento, o cheiro da cabeça diffundi em todas as direcções; obbastante, o preciso pelo menos, para permitir a um cão o reconhecimento daquella distancia.^{17. a}

Todas estas investigações não lograram segundo o sr. Romanes, as seguintes conclusões: ^{Observou-se que a grandeza}

A cadella, seguia as suas pisadas, guiada pelo cheiro das horas da tarde) e não pelo cheiro particular dos pés.^{18. a}

Julgou que o cheiro reconhecido pelos

animais fosse transmitido ao calçado pelos pés; mas esse é reforçado dalgum

Nora-se pela experiência; 10.2 que, uma simples folha de papel bastou para maskar o cheiro; mas esta experiência mostra, além disso, que bastam alguns milímetros quadrados em contacto com o solo para facultarem ao animal a busca d'uma pista.

Deprehender-se das observações (12. e 13.) que o animal, uma vez encaminhado no rasto, é guiado tanto por uma espécie de instinto como pelo seu olfacto.

Emfim o corpo exhala um cheiro particular, que permite ao cão reconhecer o seu dono a uma grande distância, e no meio d'outros indivíduos, e até quando não está debaixo da ação do vento (15. e 16.).

Os cheiros fortes, tais, como o óleo de sereira-doce (14.), os vestígios d'outros indivíduos não podem mascarar o cheiro do corpo.

Os animais não são seres inteiramente automatos sobre tudo os outros dia-

ários do reino animal, que têm percepções claras e variáveis, revelando em muitos dos seus actos uma certa espontaneidade, nascida de um sentimento intimo, que se aproxima muito d'uma acção propriamente pessoal. Os actos dos animais não são exclusivamente instinctivos, revelam uma inteligência similar à do homem; têm, elles, o conhecimento das coisas, formam juízos, seguem processos raciocinantes, como se verifica quotidianamente com os animais domésticos. A sua aptidão intelectiva é susceptível de aperfeiçoamento; chegando mesmo o seu incremento a um grau extraordinário, como se verifica nos animais que nas estribos de bêmemos círculos. Os processos de aprendizagem que divergem profundamente daquelas que a psychologia ensina para o desenvolvimento do espírito humano, posto que se observe quam grande é a similitude de manifestações psychicas entre o homem e o animal superior, especialmente entre o creançal e o anthropoide.

Os animais não são seres interamente automatos sobre tudo os altos degraus do corpo.

97703
L'instinct et l'intelligence des animaux, Flou.

Os animais possuem memória, por isso que se lembram dos lugares e das coisas; possuem imaginação visto ella ser indispensável ao exercício da percepção, exterior e à existência de alucinações que em certos casos alguns animais revelam. Ha n'elles associações de produtos psychicos e de movimentos, posto que não possam elevar-se à formação de idéas genericas e muito menos à concepção de princípios universais. As facilidades affectivas são em alguns animais muito desenvolvidas, podem relatar-se inúmeros factos que revelam o sentimento do amor, do odio, da malicia, da audácia, da sympathia, e da dedicação etc.

Os sentimentos estheticos existem pronunciadamente nas abelhas e nas aves quando architectam os seus alvéolos ou os seus ninhos. A influencia da

L'intelligence des animaux, E. Menault.
L'étude sur les facultés mentales des animaux,
Honeau.

Les sociétés animales. Etude de Psychologie comparée, Espinas.

musica sobre os animais e os efeitos que n'elles produz estão evidenciados por muitos exemplos. Ao assobiar-nos a um lagarto que foge, para escultar a saria com visível agrado. O padre Labet diz que é por este processo que se caçam os lagartos nas Antilhas. Chateaubriand, viajando no alto Canadá, verificou que os indigenas venciam e zombavam da serpente cascavel ao toque de flauta. A medida que este ferível reptil ouve a musica, os sons caracteristicos produzidos pela cauda perdem a intensidade, ficando depois inmóvel em atitude de prazer, ou seguidamente a direcção do torrador.

No cão, no cavyal e no elefante é bem conhecida a accão das vibrações sonoras.¹

Nas aves são os seus melodicos gorjeios que despertam em muitas espécies os instintos genéticos.

Não pode negar-se pois que os animais possuem a inteligencia, a imagina-

¹ Pontecoulant - Les phénomènes de la mu-

sique.

ção reproductora, e a sensibilidade e consequentemente a consciência psychologica, mas em compensação nadia nos leva a afirmar que elles possam adquirir a noção das idéas geraes, da moralidade e da religião, caracteres estes que davam um enorme abyssmo entre a mentalidade humana e a mentalidade animal.
A analogia das faculdades humanas com as dos animaes já levou a ignorância ou antes a loucura humana, a atribuir aos actos animaes, responsabilidade de penal, como se vê pelas sentenças seguintes:

Em 1314 os juizes do condado de Valois instauraram processo a um touro que tinha morto um homem, e condenaram-no, pelo depoimento das testemunhas, a ser enforcado. A sentença foi confirmada pelo parlamento a 7 de novembro do mesmo anno.

Em 1394 foi também enforcado um porco por haver morto uma criação do visconde de Mortain.

Em 1497 uma marrã, também portadora trinca, o queixo de uma creança na aldeia de Châronne, foi igualmente

condenada á morte. A sentença ordenava que a carne fosse lançada aos cães e que o dono e sua mulher fossem em peregrinação a Nossa Senhora de Ponte, onde em dia de Pentecostes exclamaram — *Merci.*
Em 1499 foi um touro condenado à morte por sentença do báaldo de Beaujardin, em consequencia de haver morto um rapaz.

Em 1590 em Auvergne, o juiz dum cantão nomeou curador ás lagartas que devoravam as cearas. Correu a causa e a sentença determinou que ellas se recusassem a parar, designando sítio a fim de abrigar nelas a sua miserável vida.

Os altos dignatarios da escala zoologica servem-se inconscientemente das operações do entendimento, abstracção e comparação, não como operações mas como mera associação de impressões e são incapazes, como observou Tissot, da generalização, incapacidade esta, resultante da falta de linguagem, segundo alguns zoopsychologos. Charles Richet tentou pro-

Var que o cão é apto para se elevar a idéas gerais e mesmo para construir syllogismos.

Estabelece mesmo a forma do syllogismo que os animais pôdem construir:

Todo A é B, ou $A=B$
Ora C é A, ou $C=A$
Logo C é B, ou $C=B$.

Toma Richet, um exemplo vulgar, o do cão, vadio que tem recebido pontapés de toda a gente. Sempre que encontrou alguém levou um pontapé ou uma pedrada.

Faz então a primeira associação de idéias: Os homens (A) atiram-me sempre uma pedrada (B). $A=B$. Se depois este cão vir um qualquer indivíduo, foge imediatamente, porque elle diz consigo: $C=B$, este homem naixar-me uma pedrada.

Faz este juizo por uma associação de idéas simplicissimas: este homem é um homem como aquelles que eu tenho visto. ($C=A$) E então instantaneamente a conclusão do syllogismo effectuou-se: $G=B$,

e foge sabendo perfeitamente que vão atirar-lhe uma pedrada.

Por simples que seja este syllogismo não differe essencialmente dos que podem fazer o homem. É instantaneo e irreflectido; são duas associações de idéias, com substituição d'uma idéia por uma outra. O cão substitue a idéia do homem que vê à idéia de todos os homens que tem visto até então. Ora esta associação de idéias é um verdadeiro juizo. A diferença entre o syllogismo do homem e o do animal, é que no homem as idéas são mais geraes do que no cão e que aquelle pode analyzar a operação intelectual, o que não sucede aqui, visto ser no cão subitanea e irreflectida. Nocão o syllogismo não é rigoroso e para ser exacto, deveria ter esta forma:

Muitos homens têm-me atirado pedradas; logo, o que eu vejo além parece um homem.

Ora o que eu vejo além parece um homem.

Logo o que eu vejo além na talvez é um homem.

Charles Richet affirma que dando ao cão a idéia do dever e da abnegação fará

um syllogismo identico ao do homem. Este syllogismo de forma elementar, que se reduz a uma simples associação de idéas muito superficial sem rigoroso empréstimo da abstracção, pode suppor-se no caso, mas se essa associação de idéas é ver por objecto achar as relações não só de semelhança de contiguidade, de contemporaneidade, mas de causalidade, e de contraste, a intelligenciação do razão, é já inacessível d'ascender a esse raciocínio. Isto dentro da area condicionada das inteligencias, no campo da razão e da moral, a zoopsychologia, ainda da especie canina, não dá um passo.

O animal é governado por leis que não conhece, e a zoropsychologia só espreita uns visos longinquos da realidade.

A escola krauseana sustenta que os animais sabem que sentem, que sofrem e que pensam. Têm o primeiro grau de consciencia, que os apropria à do homem, e não vão mais longe.

Já temos visto por um grande numero de factos atraçados, que os animaes superiores tem um percepção extrema, analoga á do homem; mas o animal per-

cebe sómente o concreto, a forma ou a cor d'um objecto deterrinado, mas não tem a ideia abstracta de forma ou de cor.

O animal percebe os objectos exteriores por uma vaga intuição, não tem como o homem a consciencia da sua individualidade. Em muitos actos parece que tem a noção da causa, mas d'uma causa particular e concreta, a sua intelligencia não se eleva á ideia racional de causalidade. Associa phenomenos, mas é para elle impossivel abstrair, comparar, não distingue as relações essenciais das accidentais, a sua intelligencia é limitada ao concreto. Não pode ter ideias genéricas, porque, além das razões expostas, tais ideias não podem subsistir senão palavras e o animal está por natureza privado da linguagem articulada.

O homem tem, além do poder de exercer de pensar, o de obrar, ou o exercício de actividade volitiva. Ha duas formas distintas de actividade, uma denominada espontânea, proveniente dos instintos e outra chamada actividade livre dependente do exercício da iniciativa própria. Todos os phenomenos psychicos são

instinctivos antes de serem reflectidos. Os primeiros actos da nossa vida são o resultado de impulsos automáticos. Ainda quando as nossas faculdades estão desenvolvidas e completas, a forma de actividade espontânea conserva-se, para evitar os perigos que constantemente nos ameaçam. Esta faculdade teleológica denominatedo instinto é comum ao homem e ao animal, provoca movimentos e executa actos interamente estranhos ao imperio da vontade. Há até naturalistas que sustentam que este fenômeno também se estende ao mundo vegetal.

O instinto é a atalaya vigilante da permanência vital da espécie e do individuo, com graus diferentes de desenvolvimento segundo as necessidades especiais. A sua existencia na série zoologica reveste os seguintes caracteres: a: inneijade, a: inviabilidade a: impersonalidade e: a inconsciencia; é innato porque nada inventa; é invariável porque não se altera com o tempo, salva a mudanca para se adaptar ás condições cosmicas; é impersonal por que não varia com o individuo; é comum á espécie; é inconsciente porque

sob um impulso cego e espontaneo, instantaneamente, executa actos complexos, servindo-se de processos regulares.

O hábito tem muita paridade com o instinto no seu funcionamento, mas distingue-se na sua origem, porque é uma estádo mental gerado pela repetição voluntaria dos mesmos actos, reclamando portanto o concurso da actividade volitiva. A recta direcção dos hábitos é mesmo o fim que pretende atingir a educação.

No aprendizado animal a palavra castigo não tem significação para elle, e quando o homem lhe inflige um tormento qualquer, não é como para nós uma expiação que considera o acto passado como uma violação da lei; é uma ensinanza, uma advertencia, um meio preventivo que mira o futuro, tendo apenas por fim obstar a que o animal commeta nova falta. Considerado sob este aspecto, como sob muitos outros, o animal é analogo ao homem, todavia não é seu semelhante.

Existe no animal uma força simples, centro de toda a sua vida psychologica,